Contribuições de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior para a construção do pensamento social brasileiro

ALEX AUGUSTO SOUZA*

Resumo: O presente artigo buscará analisar as contribuições de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior para a construção do pensamento social brasileiro através das obras *Casa-grande e senzala* e *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. Livro de grande impacto na cultura brasileira, a obra de Freyre lançada em 1933 revela-se inovadora quanto ao seu estilo, rompendo tabus e preconceitos presentes na sociedade da época, buscando uma valorização do negro e analisando a miscigenação como algo positivo. Já a obra de Prado Júnior traz uma nova forma de interpretação do Brasil que buscará se opor à perspectiva até então dominante, de cunho idealista. Lançado em 1942, *Formação do Brasil contemporâneo: colônia* se estruturará em três partes principais –e "Povoamento", "Vida Material" e "Vida Social", buscando analisar a vida econômica da colônia. Fazer um contraponto entre os dois autores, suas aproximações e distanciamentos destacando suas contribuições para o pensamento social brasileiro, também é objetivo deste trabalho.

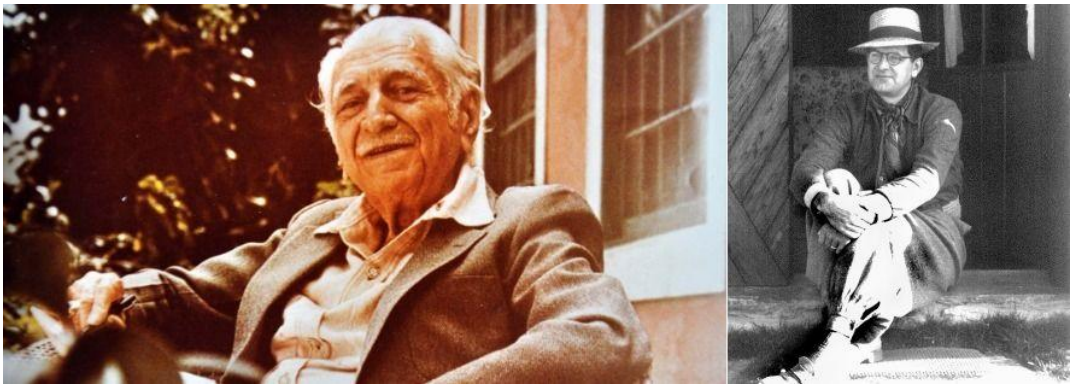
Palavras-chave: Escravidão; Miscigenação; Economia; Freyre; Prado Júnior.

Contributions by Gilberto Freyre and Caio Prado Júnior for the construction of brazilian social thinking.

Abstract: The present article will analyze the contributions of Gilberto Freyre and Caio Prado Júnior for the construction of Brazilian social thought through the *Casa-grande e senzala* works and the *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. Freyre's work, launched in 1933, is an innovative book on Brazilian culture, breaking the taboos and prejudices present in the society of the time, seeking a valorization of the Negro and analyzing the miscegenation as a positive thing. The work of Prado Júnior brings a new form of interpretation of Brazil that will seek to oppose the perspective that until then was dominant, idealistic. Launched in 1942, *Formação do Brasil contemporâneo: colônia* will be structured in three main parts - "Settlement", "Material Life" and "Social Life", seeking to analyze the economic life of the colony. To make a counterpoint between the two authors, their approximations and distances highlighting their contributions to Brazilian social thought, is also the objective of this work.

Keywords: Slavery;Miscegenation; Economy; Freyre; Prado Júnior.

* **ALEX AUGUSTO SOUZA** é mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Formado em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Formado em Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES. Formado em Pedagogia pelo Instituto alvorada Plus de São Paulo. Pós-Graduado em Artes e Educação e Docência no Ensino Superior pela Universidade Vale do Ivaí – UNIVALE. Pós-Graduado em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade São Braz.



Gilberto Freyre e Caio Prado Jr.

Introdução

Falar da contribuição de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior para a construção do pensamento social brasileiro é algo indispensável para todos aqueles que desejam entender a fundo as raízes de nossa sociedade. Focando no período colonial, cada um dos autores a seu modo trará importantes contribuições para a compreensão da nossa cultura.

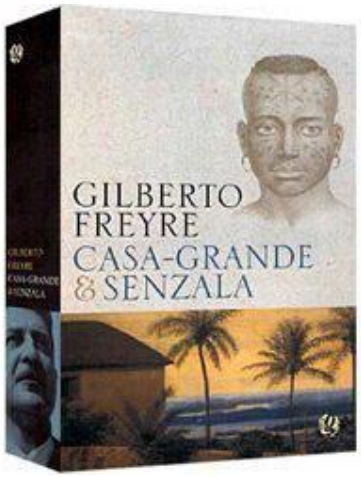
Quebrando paradigmas e preconceitos da sociedade à época de seu lançamento, *Casa-grande e senzala* trouxe uma análise inovadora da sociedade colonial; pois foi o primeiro trabalho com um novo olhar sobre a contribuição do negro para as bases que sustentaram a referida sociedade, valorizando a mestiçagem como algo positivo, o que nenhum sociólogo fez na mesma época de Freyre; apesar disso ele peca em alguns pontos, pois a obra parece transparecer-nos uma sociedade de convivência harmônica e pacífica entre brancos, negros e índios, quando bem sabemos dos verdadeiros anseios do homem branco. Porém, não serão essas críticas que tiram o mérito dado a Freyre de ser um "rompedor de tabus", que com seu estilo coloquial ofendeu muitos leitores e críticos dos anos 1930.

Em sua obra, Caio Prado Júnior, buscou fazer uma análise do processo em que foi enquadrada a colônia, dentro do contexto da grande empresa comercial portuguesa. Ainda imbuído de um discurso escravista, percebe-se em vários momentos da obra, o escravo como um peso necessário para a Coroa. Ele também enfatiza que é a partir da exploração da monocultura que se tem a base da formação da família patriarcal. Sendo considerado um dos maiores intelectuais do século XX, ele estuda o Brasil de maneira a ampliar discussões que à época já vinham consolidadas no pensamento social. O contato com importantes pensadores como o historiador Fernand Braudel e o antropólogo Claude-Lévi-Strauss, por exemplo, lhe renderam grande contribuição em suas descobertas intelectuais. Sua obra *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, de 1942, prevalecerá a ótica materialista da história da sociedade brasileira, buscando através da estrutura econômica explicar as raízes que trouxeram à tona a realidade de nosso país.

1. Gilberto Freyre: análise de Casa-grande e senzala

Lançado em 1933 o livro *Casa-grande e senzala* quebra paradigmas ao ser pioneiro em uma nova forma de abordar a sociedade, apresentando ideias que se contrapunham ao racismo, dominante no

pensamento social brasileiro da época, do qual temos um exemplo em Oliveira Vianna, que empregava um forte tom positivista em seus estudos, chegando a ter um preconceito muito grande com as raças consideradas "inferiores". Diz ele que: "Quando os cruzamentos surgem da fusão de raças muito distintas, os retornos têm, em geral, um caráter degenerescente: o elemento inferior é que se reconstrói, de preferência, e absorve os elementos da raça superior." (VIANNA, 2005, p. 173)



Diferente de Vianna, Freyre teve outro olhar para a sociedade brasileira, buscando preservar a relevância cultural para a compreensão das peculiaridades nacionais, ele deixa clara sua intenção de romper com a tradição sociológica vigente através da valorização da mestiçagem que para ele se dava através do contato entre portugueses brancos, índios e depois negros na formação da sociedade brasileira.

Jessé Souza (2000), ao falar de Gilberto Freyre diz que:

> Gilberto Freyre é, talvez, o mais complexo, difícil e contraditório entre nossos grandes pensadores. Sua obra tem permanecido um desafio constante aos comentadores, e a vitalidade de seu pensamento se mostra no crescente interesse por sua obra. Ele é, talvez, o mais moderno entre os clássicos do pensamento social brasileiro e suas questões ganham ao invés de perderem em atualidade (SOUZA, 2000).

Apesar de sua grande contribuição, muitas vezes *Casa grande e senzala* sofre crítica de uma maneira geral, pois muitos percebem nos escritos de Freyre que ele teria suavizado a violência que se fazia presente nas relações de escravidão, contribuindo para ocultá-la.

Não podemos nos esquecer que no contexto do lançamento da obra, como já dito, a grande maioria dos pensadores da época tinha uma mentalidade preconceituosa quanto à presença do negro na sociedade; porém, Freyre tem outro olhar para essa questão, buscando mostrar a contribuição do negro na formação social. Sobre a questão da suavização da violência nas relações entre brancos e negros na escravidão entendo que ele quis nos mostrar algo positivo que foi a miscigenação, a mistura de raças, mas que jamais estaria fazendo uma defesa de uma relação que poderíamos chamar hoje de um estupro, dependendo da maneira como a relação sexual acontecia. É óbvio que ele peca ao não tecer uma crítica mais "severa" ao branco, senhor e dominador da América como se estas terras fossem sua propriedade privada, mas não é isto que tira a grande contribuição que Freyre traz em seu trabalho.

Continuando a falar sobre a crítica, Fernando Henrique Cardoso ao escrever sobre "um livro perene" no lançamento da 48ª edição de *Casa grande e senzala*, em 2003, diz que os críticos, nem sempre foram generosos com Freyre e os que o foram como Darcy Ribeiro, sempre procuraram mostrar suas tradições e conservadorismo.

Analisando os escritos de Darcy Ribeiro, Cardoso escreve:

> A etnografia do livro é, no dizer de Darcy Ribeiro, de boa qualidade. Não se trata de obra de algum preguiçoso genial. O livro se deixa ler preguiçosa, languidamente. Mas isso é outra coisa. É tão bem escrito, tão embalado na atmosfera oleosa, morna, da descrição freqüente idílica que o autor faz para caracterizar o Brasil patriarcal, que leva o leitor no embalo (CARDOSO in apud FREYRE, 2003, p. 20).

Para José Carlos Reis "o que ele produziu foi uma espécie de auto-antropologia da cultura na qual nasceu, a nordestino-brasileira" (REIS, 2017, p. 52).

Atribuindo a originalidade de seu ponto de vista aos estudos que ele fizera na Universidade de Colúmbia, em seu Prefácio à 1ª edição faz questão de agradecer a Franz Boas, que segundo ele contribuiu muito com sua formação.

> Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor- separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no da diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família. (FREYRE, 2003, p. 32).

Buscando trazer certo equilíbrio entre as misturas de raça no processo de miscigenação, ao ver como positivo as relações entre os senhores brancos e as escravas negras, talvez aí Freyre busque trazer certo eufemismo, atenuando acontecimentos muitas vezes pesados da colonização, como no domínio do senhor branco sobre a escrava negra. Como já dito neste trabalho, Freyre talvez buscasse algo positivo nestes acontecimentos e é aí que ele encontra a mistura de raças, a miscigenação.

Para Freyre "a escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos" (FREYRE, 2003, p. 33). Ao falar que chegou mesmo a haver constituição de família entre senhores brancos e escravas negras parece que Freyre nos remete a uma sociedade cordial, equilibrada, não justa, mas que convivia harmonicamente, mas também não podemos deixar de frisar que ele também fala em antagonismo, não apenas em harmonia. Como já dito, seu erro foi não tecer uma crítica mais pesada ao homem branco.

Para ele, a miscigenação que foi praticada no período colonial corrigiu a distância que de outra forma se teria conservado enorme. A sexualidade no período colonial na vida do colonizador já tem início no momento em que estes aqui chegam, quando as índias os fazem concretizar a imagem da moura-encantada.

> O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho (FREYRE, 2003, p. 161).

Logo depois da índia, a negra também entra no emaranhado da vida sexual,

devendo por bom grado ou não servir ao seu senhor.

Nessa sociedade de clima tropical, Freyre também relata de doenças causadas pela má alimentação, muitas vezes constituída de peixe seco, farinha de mandioca e logo depois a carne de charque.

Servindo de palco de muitos acontecimentos a casa grande é o reduto da história patriarcal de Freyre, pois para ele "nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social" (FREYRE, 2003, p. 45).

A moral católica é que predominava em território brasileiro, pois era a religião oficial de Portugal e é com o objetivo de firmar essa fé entre os habitantes da colônia que vem para cá os jesuítas e outras ordens religiosas. Analisando os fatos pertinentes a essa discussão, Freyre reconhece o desfalque que a cultura indígena sofre logo já no início da chegada dos europeus e diz que:

> A história do contato das raças chamadas superiores com as consideradas inferiores é sempre a mesma. Extermínio ou degradação. Principalmente porque o vencedor entende de impor ao povo submetido a sua cultura moral inteira, maciça, sem transigência que suavize a imposição. O missionário tem sido o grande destruidor de culturas não europeias, do século XVI ao atual; sua ação mais dissolvente que a do leigo (FREYRE, 2003, p. 178).

Os missionários acabam por afetar as próprias noções tradicionais dos indígenas segundo Freyre. A própria imposição do vestuário ao índio acaba contribuindo para isso.

Para Reis, Freyre não julgava mal o europeu na exploração do índio, pois "Para ele, é injusto acusar os portugueses de terem manchado coma escravidão a sua obra grandiosa de colonização tropical" (REIS, 2017, p. 56). Concordando com Reis, não podemos deixar também de lembrar mais uma vez o pensamento predominante da época que Freyre escreve, um cenário dominado por visões preconceituosas, mas é aí que vem a crítica já dita neste trabalho, que ele poderia ter tecido um olhar mais "acusador" sobre o homem branco europeu.

Dentro desse contexto quem falha então é o índio, que não se adapta ao trabalho sedentário e aí a necessidade de transplantar e escravizar o negro, o que para Freyre foi sim um erro, visto que a escravidão não seria benéfica para esses povos, mas que também não havia outra maneira de suprir as necessidades do colonizador português. Um erro de que, porém, Freyre vai tirar o lado positivo: o processo de miscigenação, pois a partir daí "formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio- e mais tarde de negro- na composição" (FREYRE, 2003, p. 65).

De acordo com Freyre (2003), um dos problemas da miscigenação foi a sífilis, tendo em vista que essa doença foi trazida pelos primeiros europeus que logo se misturaram com os indígenas e a eles passaram a transmiti-la. Ela estava tão presente na vida cotidiana colonial que era aceita normalmente pela sociedade.

Pelas análises feitas pelo autor de *Casa-grande e senzala* podemos perceber que a vida sexual da colônia foi mesmo efervescente, muitas vezes em uma circunstância desfavorável a mulher: a índia e depois a negra, que ficavam sob o domínio do homem branco, através de um sadismo deste e do masoquismo das mesmas. Afirma ele "Uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo da

índia ou da negra terá predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas ao seu domínio" (FREYRE, 2003, p. 113).

Por fim a miscigenação dará lugar à constituição da família patriarcal que para Freyre seria a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política.

Enfim, Gilberto Freyre é um inovador que rompe com as tradições de sua época e um profundo conhecedor das manifestações culturais do povo brasileiro principalmente do Nordeste, quando ele mesmo nos relata suas visitas entre as pessoas mais humildes do Recife e da Bahia.

Neste momento detenho aqui a consideração de Freyre e sua obra, retornando a falar brevemente do mesmo no fechamento deste trabalho.

2. Caio Prado Júnior: análise de *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*

Passaremos agora a análise de outra importante obra para a compreensão da formação da sociedade brasileira: *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*; de autoria de Caio Prado Júnior.

A obra teve sua primeira edição lançada em 1942, quando o autor estava exilado do país por ter feito parte do Partido Comunista do Brasil (PCB) e logo depois em 1935 da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

> Caio Prado Júnior nasceu em São Paulo, em 11 de fevereiro de 1907. Filho de uma família aristocrática, graduou-se em direito pela Universidade de São Paulo em 1928, já despontando como intelectual em 1933, com a publicação de "Evolução Política do Brasil", o seu primeiro livro (LIMA, 2008, p. 117).

Para Lima (2008), quando era militante do PCB, Caio Prado exerceu mandado eletivo e alguns cargos de direção partidária e "tendo se caracterizado, nesse campo, assim como em todas as demais frentes que atuou, pela coerência e independência de suas posições" (LIMA, 2008, p. 117).

Passando à análise de *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, veremos que nessa obra Caio Prado busca fazer uma análise das estruturas do período Colonial. Já na introdução do livro, a seu ver acontece certa ruptura com a metrópole a partir da Chegada da Família Real portuguesa no Brasil, em 1808, e seria uma nova fase na evolução política do país, na qual as instituições que deram base ao período colonial se completam.

Diz Prado Júnior, ao analisar esse período: "O Brasil começa a se renovar, e o momento que constitui o nosso ponto de partida neste trabalho que o leitor terá talvez a paciência de acompanhar, é também o daquela renovação" (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 6).

Porém, ele afirma que o processo histórico que havia se iniciado no século XIX, ainda não havia chegado ao fim no momento em que ele escrevia o livro, daí a necessidade de se ir a fundo nas instituições formadoras da sociedade colonial.

As três grandes partes que irão compor a estrutura da obra que estamos analisando serão "Povoamento", "Vida Material" e "Vida Social".

Ao falar do sentindo da colonização, Caio Prado começou por fazer uma análise da situação de Portugal e do que levou o país luso às navegações porque "a ocupação e povoamento do território que constituiria o Brasil não é senão um episódio, um pequeno detalhe daquele

quadro imenso" (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 14).

Para o autor, nosso país está ligado àquela vasta empresa comercial, subordinando a isto a vida social, política e cultural da colônia.

Caio Prado Júnior afirma que o interesse dos europeus na América seria apenas comercial e a ideia de povoamento efetivo do território da colônia surge somente com as necessidades impostas, pois precisava-se "criar um povoamento capaz de abastecer e manter as feitorias que se fundassem e organizar a produção dos gêneros que interessassem o seu comércio. A ideia de povoar surge daí, e só daí" (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 18).

Esse colono aqui vem como empresário de um negócio rendoso, mas jamais como um trabalhador, criando-se um preconceito ao serviço braçal, que uma vez negado pelo índio ficará a cargo do escravo negro. Toda essa estrutura, de acordo com Caio Prado (1961) inaugurará uma sociedade inteiramente original nos trópicos.

Analisando a dispersão pelo interior, o autor coloca como ponto chave a descoberta do ouro na região das gerais num primeiro momento, e logo depois a Cuiabá e Goiás.

> A dispersão pelo interior, intensa e rápida, é da primeira metade do séc. XVIII, quando o ouro, descoberto sucessivamente em Minas Gerais (último decênio do século XVII), Cuiabá em 1719, e Goiás seis anos depois desencadeia o movimento. Afluem então para o coração do continente levas sobre levas de povoadores alguns são colonos novos que vêm diretamente da Europa, outros, os escravos trazidos da África. Muitos, porém acorrem dos estabelecimentos agrícolas do litoral, que sofrem consideravelmente desta sangria de gente e cabedais. (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 33)

Passada a febre do ouro, haverá uma diminuição da corrente de povoamento para o interior, fazendo com que o litoral volte a ter seu destaque e a agricultura recupera sua força.

Analisando a economia, o autor diz que no período colonial ela se pauta na exportação de gêneros agrícolas para a Europa, prevalecendo à grande propriedade monocultora. A economia é o grande eixo de desenvolvimento de qualquer nação e aqui diz Prado Júnior "os três caracteres apontados: a grande propriedade, monocultora, trabalho escravo, são formas que se combinam e completam e derivam diretamente e como conseqüência necessária, daqueles fatores". (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 114).

É lógico que a força motriz da economia dessa sociedade é sem dúvida, como já dito, o negro que aqui tem sua força empregada na escravidão e percebo nas falas do próprio Caio Prado uma defesa do trabalho escravo, através de um discurso escravista muito presente na época; dizia que o escravismo era a seu ver um mal necessário. Percebemos isso claramente quando ele diz que: "A escravidão torna-se assim necessidade: o problema e a solução foram idênticos em todas as colônias tropicais e mesmo subtropicais da América" (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 116).

Quando passa à análise das questões da vida social e política, Prado ainda se imbui de preconceito ao definir como semibárbaras as raças de índios e negros, que junto com os brancos europeus

formaram o aglomerado heterogêneo de raças que a colonização reuniu.

Apesar de ver a escravidão como necessária, dirá ele que ela em nada contribuiu para a cultura e qualquer forma de desenvolvimento do negro, mas "pelo contrário, degradá-lo-á, eliminando mesmo nele o conteúdo cultural que porventura tivesse trazido do seu estado primitivo" (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 342).

Ao falar das relações sexuais entre a escrava negra e o senhor branco, ele toca numa abordagem que foi bastante discutida por Freyre, mas a meu ver de uma maneira bem mais pesada, pois como ao contrário do primeiro, Caio Prado não tenta atenuar os acontecimentos que envolviam esse contexto.

> A outra função do escravo, ou antes da mulher escrava, instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus senhores e dominadores, não tem um efeito menos elementar. Não ultrapassará também o nível primário e puramente animal do contato sexual, não se aproximando senão muito remotamente da esfera propriamente humana do amor, em que o ato sexual se envolve de todo um complexo de emoções e sentimentos tão amplos que chegam até a fazer passar para o segundo plano aquele ato que afinal lhe deu origem (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 342).

Mas, citando Gilberto Freyre, ele destaca a figura boa da ama negra, aquela que Freyre relata que traz bondade e ternura à criança desde que esta ainda está no berço. Nesse contexto ele fala que se faz necessário fazer uma distinção entre o papel do escravo e do negro. O escravo será aquele que dominará o cenário e a partir daí permite ao negro que este tenha raras oportunidades de mudanças.

Diferente de Freyre, que via muitas vezes na casa-grande relações harmônicas e por vezes conflituosas, Caio Prado tinha um outro olhar, apesar de também considerar a importância da miscigenação, para ele fora da casa-grande faltaria o regramento moral e a família e religião pouca ênfase terão fazendo com que houvesse na sociedade colonial desagregação e desunião.

Neste contexto surge na colônia uma sociedade dominada pela inércia. Diz Prado Júnior "O aspecto do Brasil é de estagnação" (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 348). Criticando o trabalho do negro, Prado conclui que "afora o trabalho constrangido e mal executado do escravo, não se vai além do estritamente necessário para não perecer à míngua" (PRADO JÚNIOR, 1961, p.349). O negro é tido então como um ser sem cultura do qual o colonizador explora sua força de trabalho e servir-se da sexualidade das mulheres.

Por fim, Caio Prado (1961) conclui que:

> A colonização produziu seus frutos quando reuniu neste território imenso e quase deserto, em 300 anos de esforços, uma população catada em três continentes, e com ela formou, bem ou mal, um conjunto social que se caracteriza e identifica por traços próprios e inconfundíveis. (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 355-356).

Enfim, a ideia de separação viria somente com a independência das colônias da América do Norte em 1776, o que se idealizará primeiramente na Inconfidência Mineira de 1789.

Destacando um ponto rapidamente para não ultrapassar os limites deste trabalho, Caio Prado (1961) citará um conjunto de conflitos que levará a sociedade colonial à ebulição e não deixará de analisar as contribuições da maçonaria no processo de independência. Ele diz que "A

maçonaria emprestou assim alguma consciência a uma ação que sem ela, embora continuasse a existir, teria sido certamente cega e desorientada" (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 373).

Por fim seu livro é de extrema importância para a compreensão dos principais fatos das relações colônia/metrópole, principalmente envolvendo os fatores econômicos.

3. Freyre e Prado Júnior: um olhar sobre os dois autores

Não há como negar a contribuição de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior para a construção da formação social brasileira através de suas obras.

Tanto Freyre como Prado Júnior tiveram excelentes formações. Cada um a seu modo, vão procurar abordar o mesmo período da história do nosso país. Como já vimos, "Casa-grande e senzala" é considerado um marco pela ruptura que causa nas gerações da época de seu lançamento, 1933. Freyre faz da escravidão um ponto fundamental de sua obra, fazendo uma defesa do mestiço e se afastando da tese de "branqueamento" da nação, algo visto como o mais correto por muitos pensadores da época, como afirma Palermo (2014), em concordância com Silva e Schwarcz:

> É importante ressaltar também que a tese do sociólogo em questão rompeu com o pensamento de intelectuais como Paulo Prado, Oliveira Vianna e Nina Rodrigues, que consideravam o "branqueamento" da sociedade como a solução para os males brasileiros de sua época. (SILVA, 2000; SCHWARCZ, 1993). Freyre defendeu que a miscigenação foi um fenômeno histórico pertencente e, sobretudo, positivo para a formação da sociedade brasileira (PALERMO, 2014, p. 169-170).

Vai ser no processo de miscigenação, algo visto como positivo e na família patriarcal da casa-grande que Freyre vai se apegar para sua análise do período colonial, diferente de Caio Prado Júnior que publicou *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, em 1942 e que dará uma ênfase maior ao processo econômico, tendo sido para ele a grande propriedade monocultora que prevalecerá no período colonial, com o objetivo principal de abastecer e trazer lucros à metrópole. Em 1945 ele lançaria *História econômica do Brasil*, com um texto interpretativo da nossa economia até a década de 1930.

A contribuição de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior para a formação intelectual das décadas de 1930 e 1940 é indiscutível, pois mesmo com abordagens diferentes ambos nos resgatam acontecimentos que como já dissemos são imprescindíveis para conhecer as raízes de nossa sociedade.

Em análise de Palermo ele ressalta que as principais influências intelectuais de Freyre eram provenientes da Antropologia Cultural de Franz Boas, que, como vimos, exerce influência considerável sobre o autor e já Caio Prado utiliza-se de referencial marxista para a análise da formação do Brasil, tendo a economia como pilar principal do sentido da colonização. (PALERMO, 2014, p. 181-182). A obra de Prado Júnior é paradigmática, voltada para a perspectiva da macroestrutura econômica baseada na relação de dependência e exploração que acaba por se estabelecer na formação do período colonial

Embora então com perspectivas diferentes e às vezes contraditórias, pois para Caio Prado Júnior considera a colonização brasileira como "exploração" comercial, enquanto Gilberto Freyre destaca a constituição de

um sistema social bem organizado e permanente. Mas não podemos deixar de reconhecer que a contribuição de Freyre e Prado Júnior para a compreensão do período colonial e da base da formação da nossa sociedade é essencial e nos traz ainda hoje, como deve ser, debates acalorados de nossas raízes e um enriquecimento teórico metodológico capaz de nos abrir o olhar para diferentes perspectivas.

Conclusão

Não podemos negar a grande contribuição trazida por Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior para a compreensão da formação de nossa sociedade, cada um com seus conceitos e abordagens em relação aos principais acontecimentos do período colonial.

Freyre com sua excelente formação e intelectualidade vai buscar as raízes de nossa sociedade, muitas vezes sofrendo críticas, sendo acusado por alguns críticos de analisar de forma muito branda, "leve" as relações entre brancos e negros ou seja, dominadores e dominados. Não deixamos de dizer que essas considerações são pertinentes, mas também não derrubam a essência da contribuição dos escritos de Freyre, pois através de suas raízes conservadoras e senhoriais o autor compreende melhor a realidade sociocultural da região nordeste, o que contribuiu e muito para o sucesso de sua obra que apresenta para à época, uma linguagem ousada e desafiadora.

Prado Júnior que também teve uma excelente formação intelectual traz uma grande inovação com a publicação de *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*, publicado em 1942. Fazendo todo um apanhado do período colonial, o autor também é um renovador. Exilado e perseguido político, ele se destaca mais uma vez com a publicação da obra, que nos oferece subsídios fundamentais para a compreensão da nação, pois o fundamento da concepção materialista à qual ele se filia faz com que ele busque um reconhecimento das bases materiais da sociedade. Prado Júnior deu então um outro olhar para a interpretação da sociedade, de maneira diferente à Freyre, pois enquanto este busca uma análise volta à cultura, Caio Prado busca na organização econômica as explicações para se entender as raízes de nossa formação.

Não podemos deixar de destacar que nos trazendo uma base epistemológica que nos permite o aprimorar teórico e metodológico, as obras analisadas neste trabalho nos são de uma excelente contribuição prática para nossa construção teórica.

O objetivo deste artigo não foi adotar a postura de um ou outro autor e nem tecer de críticas em excesso as obras dos mesmos que em outras oportunidades podem ser discutidas, mas sim se buscou fazer uma análise e compreensão da visão dos dois autores, situando as obras em seu tempo histórico para a partir daí compreendê-las de maneira crítica e imparcial, deixando de lado qualquer subjetividade que de modo geral tiraria a legitimidade da pesquisa feita e pudesse comprometer o trabalho apresentado por estes dois grandes contribuintes para a formação do pensamento social brasileiro. Fazer uma leitura de outras obras de Freyre, como *Sobrados e Mucambos* (1936), *Interpretação do Brasil* (1945), *Vida Social no Brasil nos Meados do séc. XIX* (1964) e também de Prado Júnior, como *História econômica do Brasil* (1945), *A Revolução brasileira* (1966), entre outras inúmeras obras destes dois pensadores, nos ajudará a formar uma visão mais sistematizada do pensamento de ambos, contribuindo para um julgamento mais coerente da linha de

pensamento seguida por cada um desses dois grandes nomes do pensamento social brasileiro.

Referências

CARDOSO, Fernando H. In: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 48ª edição. São Paulo, Global Editora, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 48ª edição. São Paulo, Global Editora, 2003.

LIMA, Valéria F. S. de Almada. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia – dados biográficos, fontes de inspiração e contexto intelectual.** Rev. Políticas. Públicas. São Luis, v. 12, n. 1, p. 117-124, jan./jun. 2008.

PALERMO, Luis C. **Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior: uma análise comparativa centrada no contexto de produção e nas referências teóricas dos autores.** Periódicos UNB, Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, V.13, n. 2, p. 169-199, 2014.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia.** 6ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1961

REIS, José C. Ano 1930: **Gilberto Freyre – o reelogio da colonização portuguesa**. In: REIS, José C.**As identidades do Brasil: de Varnhagena FHC**. Rio de Janeiro, FGV, 2017.

SOUZA, Francisco C S. **As contribuições de Caio Prado Júnior para a história ambiental do Brasil.** Revista Cronos Natal-RN, v. 10, n. 1, p. 97-115, jan./jun. 2009.

SOUZA, Jessé. **Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira**. Artigo Scielo, Tempo Social, v. 12, n. 1, São Paulo, maio/2000.

Recebido em 2018-04-05
Publicado em 2018-05-15